



O ECOAR DE VOZES TRAVESTIS TRANSLOUCAS EM *VIDAS TRANS*: A CORAGEM DE EXISTIR¹

THE ECHOAR OF *TRANSLOUCAS* TRANSVESTITES IN *VIDAS TRANS*: A CORAGEM DE EXISTIR

Olinson Coutinho Miranda²

Resumo: O presente artigo, fruto de pesquisa de doutoramento, tem como objetivo dar voz as transloucas travestis Amara Moira e Márcia Rocha, a partir das narrativas extraídas da obra brasileira *Vidas trans: a coragem de existir*, a qual é um modelo potente para a subjetivação da transexualidade dentro de uma narrativa autobiográfica. Para tanto, a teoria queer, nesse caso, é a ferramenta teórica, pautada em ideias de teóricos como Judith Butler, Guacira Lopes Louro e Richard Miskolci, que funciona como forma de se colocar em discussão de sexualidade e gênero, observando suas “margens”, normas e hegemonias nos diferentes espaços em que vivemos, real e simbolicamente, implicando necessária transgressão à heterocisnormatividade. Associada a essa perspectiva, somamos o entendimento de Lawrence La Fountain-Stokes sobre a ideia de ser “translouca”, expondo que a transexualidade permite que corpos não conformes com gênero possam expor suas transloucuras, seus desejos, anseios, suas alegrias e prazeres.

Palavras-chave: Literatura contemporânea. Autobiografia. Travestis. Vozes. Transloucas.

Abstract: The present article, the result of doctoral research, aims to give voice the “transloucas” transvestites Amara Moira and Márcia Rocha, from the narratives extracted from the Brazilian work *Vidas trans: a coragem de existir*, which is a powerful model for the subjectification of transsexuality within an autobiographical narrative. For that, the queer theory, in this case, is the theoretical tool, based on the ideas of theorists such as Judith Butler, Guacira Lopes Louro and Richard Miskolci, which works as a way of putting itself into discussion of sexuality and gender, observing its “margins”, norms and hegemonies in the different spaces in which we live, real and symbolically, implying a necessary transgression of heterocisnormativity. Associated with this perspective, we add Lawrence La Fountain-Stokes’ understanding of the idea of being “translouca”, exposing that transsexuality allows not conforming to gender, exposing their translucent bodies, their desires, desires, their joys and pleasures.

Keywords: Contemporary literature. Autobiography. Transvestites. Voices. Transloucas.

¹ Artigo recebido em 15 de maio de 2020 e aceito em 20 de julho de 2020.

² Docente da área de Letras do IF Baiano, Campus Governador Mangabeira. Discente do Doutorado em Cultura e Sociedade pela UFBA. Membro dos grupos de pesquisa: GEMAS/IF Baiano, GPELIF/IF Baiano e NUCUS/UFBA. E-mail: olinaoncoutinho@gmail.com. ORCID: 0000-0003-4269-9908 e RESEARCH-ID: 3590693.

Introdução

O termo translouca é baseado nos estudos de Lawrence La Fountain-Stokes, ator, professor e pesquisador Porto-riquenho, o qual descreve que “Las translocas son muchas cosas, algunas contradictorias, claro está: performeros, raros (*queers*), inovadores, marginales, exiliados, excéntricos, beldades, revoltosos, amantes, solitarios, amigos”. (LA FOUNTAIN-STOKES, 2019). É importante perceber que o “trans no necesariamente bajo la óptica de inestabilidad, o de estar en el medio, o entre medio de las cosas, sino como idea de *transformación*—de cambiar, poder moldear, reorganizar, reconstruir, construir-”. (LA FOUNTAIN-STOKES, 2019):

Loca, a su vez, también sugiere una forma de identidad histórica (patologizada a nivel clínico, escandalosa a nivel popular) constitutiva del individuo falto de cordura, de compostura, o de adscripción a la norma dominante: el homosexual afeminado, la mujer demente, el rebelde por cualquier causa; categorías marginadas que en un gesto irónico y juguetón quisiéramos resemantizar al estilo del término angloamericano “queer”: loca como le dice un amigo maricón a otro, como seña de complicidad y entendimiento, de ser entendidos, y no como insulto hostil o broma de menosprecio, aunque tal vez eso también, si vamos a reconocer la crueldad como arte y/o como estrategia de sobrevivencia, o simplemente como odio a sí mismo (LA FOUNTAIN-STOKES, 2019).

Dessa forma, é entendido que ser translouca é todo corpo ou ação que se permita ser aquilo que fato se deseja, é o transcender, sair da estabilidade, performar, mostrar suas loucuras, se transformar, criar e recriar, lutar, permanecer trilhando e é, também, o grito que sempre esteve preso na garganta pelas amarras da sociedade que dita regras e normas como forma traçar um sujeitx “padrão”. São bichas, sapatas, putas, travestis, transexuais que se permitem expor seus desejos e anseios, transgredindo e incomodando. São corpos donos de si e de suas performances, possibilitando suas alegrias, suas loucuras, suas vivencias e a verdade.

É fundamental entender a relação na qual a heteronormatividade se impera e dita regras diante de uma ideia de normalização, excluindo as multiplicidades e representação da diferença. Louro ratifica que:

queer significa colocar-se contra a normalização venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento

homossexual dominante. *Queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora. (LOURO, 2001).

A estrutura da sociedade está no dualismo hetero/homo, mas de forma a priorizar a heterossexualidade por ser a representação do poder de dominante. As formas não hegemônicas sexuais seguem as regras ditas pela heteronormatividade que são pertencentes, também, à realidade da homossexualidade diante dos papéis/posições sexuais em que os sujeitos se encontram frente à duplicidade ativo/passivo das relações gays. Isto acaba por fortalecer a normatividade exercida pelo poder da heterossexualidade e da dualidade promulgada na sociedade. É importante salientar que os estudos queer percebem o aparato de poder e força da heteronormatividade e, diante disto, declaram que os sujeitos classificados como anormais, pervertidos, sexualmente desviantes “frequentemente estão enredados na heteronormatividade” (MISKOLCI, 2009, p. 157), mas dizer que o foco queer parte da heteronormatividade não equivale a dizer uma defesa de sujeitos não heterossexuais.

Para trazer a ideia de rupturas, lutas, instabilidades, transformações, excentricidade e diferenças é fundamental entender os estudos queer e conforme afirma Guacira Lopes Louro:

Queer é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser integrado e muito menos tolerado. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro e nem o quer como referências; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do entre lugares, do indecível. Queer é um corpo estranho que incomoda perturba, provoca e fascina (LOURO, 2018).

Aqueles que não se enquadram nesta norma social são alocados à abjeção (BUTLER, 1999), considerados menos humanos, aberrações, excluídos, por romperem com a ideia de regras e de normalidade que constitui a construção de gênero e sexualidade. Sendo assim, os estudos queer apontam para a articulação de múltiplas diferenças nas práticas sociais. A diferença é o resultado da “designação do outro, que distingue categorias de pessoas a partir de uma norma presumida (muitas vezes não explicitada)” (SCOTT, 1998, p. 297). Se a diferença é criada a partir das normas, é importante investigar a forma como estas foram social e historicamente

construídas dentro de processos normalizadores, isto porque a teoria queer lança o desafio de compreender como se criam as diferenças e como elas atuam no presente, anunciando o conhecimento necessário para fazer frente aos processos normalizadores que justificam o uso das diferenças como marcadores de hierarquia e opressão. (MISKOLCI, 2007, p. 16).

É necessário salientar, também, o ideal de desconstrução, promulgado por Jaques Derrida, visto como luta contra um construtivismo social vigente determinado por normas e regras que oprimem e excluem. Desconstrução que busca desfazer o pensamento hegemônico e dominante no intuito de fortalecimento dos sujeitos abjetos. Portanto, é necessária uma análise desconstrutivista para garantir as diversidades existentes na sociedade contemporânea. Diante disto, Steven Seidman (1996) ratifica que os estudos queer são favoráveis a uma estratégia descentralizadora ou desconstrutiva, que escapa das proposições sociais e políticas programáticas positivas, e imaginam o social como um texto a ser interpretado e criticado com o propósito de contestar os conhecimentos e hierarquias sociais dominantes. Sendo assim:

A teoria *queer* pretende assinalar o lugar do *queer* no concerto cultural em que se inscreve, ao observá-lo sob as suas inúmeras facetas sociais, étnicas, nacionais etc. sem tentar projetar uma imagem essencialista e globalizante, pelo contrário, mas investindo na diferença como a única forma de perceber o seu lugar e os sentidos que gera. (LUGARINHO, 2001, p. 42).

Por isso, a diferença é um conceito essencial aos estudos queer, pois é na diferença que se busca representar as variantes e a multiplicidade existentes na sociedade que normatiza e oprime por meio de suas regras e hierarquias socialmente construídas pela sociedade dominante. “Viver a diferença, nestas culturas, é estar em consonância com seus estatutos de (ex)centricidade” (LUGARINHO, 2001, p. 43).

Diante desses questionamentos e conceitos, será feita uma análise comparativa das vozes travestis da obra *vidas trans: a coragem de existir* diante da perspectiva de representação das transloucas e dos estudos queer. São as travestis Amara Moira e Márcia Rocha que expõem suas transloucuras, possibilitando rompimento, transgressão, incomodo diante da sociedade heterocisnormativa que impera e dita regras.

Na obra *Vidas trans: a coragem de existir*, quatro pessoas trans – Amara Moira, João W. Nery, Marcia Rocha e T. Brant – relatam aos leitores o momento no qual percebem que havia algo diferente, sobre o sentimento

de inadequação perante os padrões exigidos, sobre os preconceitos e dores vividos dentro e fora da sociedade, sobre o momento de transição e, enfim, da liberdade sentida por essa decisão. Em quatro relatos individuais, cada um conta sua história de vida, luta e militância- constante e diariamente-, em reafirmar o direito ao nome, ao corpo e à existência plena. (MOIRA et al., 2017).

O aumento da visibilidade tem sido positivo e espaços como o deste livro para tomar conta de nossa própria representação, sem nos submeter aos filtros e aos rótulos de terceiros. Com sua vida, seus amores, desejos e desafios, os autores defendem, sobretudo, a diversidade de ser humano, das identidades de gênero. A vida e as opiniões aqui registradas são um instrumento de transformação social e de empoderamento das pessoas trans. Que a delícia de ser quem somos lhe anime também a ser quem você pode ser, seja você trans ou não (JESUS, 2017).

Serão analisados os textos autobiográficos das autoras Amara Moira e Márcia Rocha, as quais apresentam suas vidas, anseios, medos, desejos e lutas. Amara Moira travesti, bissexual, prostituta, professora de literatura, escritora, doutora em teoria e crítica literária pela UNICAMP e colunista da Mídia Ninja em assuntos que envolvam gênero, LGBTQI+ e direitos de profissionais do sexo. Marcia Rocha é travesti, empresária, advogada integrante da comissão da diversidade sexual da OAB seção São Paulo, membro do Comitê de Direitos Sexuais da World Association for Sexual Health e pós-graduada em Educação Sexual pela UNISAL.

O ecoar das vozes travestis translouças em Vidas Trans

Será apresentada uma análise comparativa do ecoar das vozes das travestis Amara Moira e Marcia Rocha na obra autobiográfica *Vidas trans* como forma de resistência e luta, podendo expor quem de fato são e como conseguiram se encontrar e aceitar diante de uma sociedade que enxerga a travesti somente como repulsa, negação, abjeção, possibilitando dor, sofrimento, violência e morte. São as translouças, Amara Moira e Márcia Rocha, que darão voz as demais trans que, cada dia, sobrevivem em um meio em que a heterocisnormatividade impera e dita as regras sobre seus corpos e desejos.

Primeiramente, é importante perceber como sempre foram tratadas e impostas a serem aquilo que de fato não desejavam, além disso, suas angustias diante de suas identidades, desejos e anseios. As travestis são vistas, muitas vezes, como dejetos, anomalias, abjetos e repulsa por uma sociedade que as condenam, violentam e silenciam:

A vida inteira me disseram homem, e não foi difícil perceber que, se não fosse o homem que me criaram para ser, eu muito provavelmente estaria em apuros. Castigos, abandono, chantagem emocional, tudo era válido em se tratando de me fazer aceitar quem eu ‘era’ (...) (MOIRA, 2017, p.18).

O menino relutava, esperneava e reclamava da fantasia de palhacinho com que sua mãe o havia vestido, presente de sua avó. (...) Aos 4 anos, nos primeiros dias do jardim de infância, ficava com as meninas. Brincava com elas, conversava com elas, simplesmente ali era o seu lugar. (...) após um tempo, um coleguinha disse a ele que tinha de ficar com os meninos (...) Mais alguns dias de insistência, e o tal coleguinha reclamou com a professora: “Ele é menino, tem que ficar com a gente”. (...) A professora, que nunca fizera caso da questão, acabou então por orientar o menino a estar com os outros. (...) aquilo foi uma violência para marcos! Ele não queria ir mais para a escola... (ROCHA, 2017, p. 101-102).

Ambas confirmam o sofrimento, a dor, a angústia, a violência de não poder ser o que de fato é e a impossibilidade de se fazer que se quer fazer. São barreiras criadas por sujeitos que esbarram nos princípios da heterocisnormatividade e silenciam as vozes, os desejos, a alegria da loucura em serem trans: “ não sei bem se podia pensar em escolha, bloqueio, talvez, travas, adestramento sistemático para você sequer perceber a máscara que puseram em seu rosto quando nasceu e, caso um dia perceba, não ousar jamais perguntar-se o que há por trás dela. (MOIRA, 2017, p.18).

Desse fato, percebe-se o sofrimento, a dor, a angústia, a violência de não poder ser o que de fato é e a impossibilidade de fazer o que se quer fazer. São barreiras criadas por sujeitxs que esbarram nos princípios da heterocisnormatividade e tentam silenciar as vozes, os desejos, as alegrias e as loucuras em serem travestis. De acordo com Guacira Lopes Louro (2018, p.22), são corpos que transgridem o gênero e a sexualidade, mas não se colocam como um novo ideal de sujeito, não há intenção de produzir uma nova referência. Nada seria mais anti-contemporâneo. A visibilidade e materialidade desses corpos é fundamental para expor a instabilidade das identidades, possibilitando a proliferação e multiplicação das formas de gênero e sexualidade.

Um fato importante é o ato das descobertas, das identificações com outros corpos, do começar a se entender enquanto também corpo trans. São sujeitxs trans em descoberta, vivendo suas angústias e medos em busca da identificação e afirmação para que possam entender seus desejos que sempre esteve preso, amordaçado, sendo impossibilitado de ser exposto e vivido:

(...) por volta dos anos 2000, assisti na TV câmara ou senado a uma exibição do filme *O escorpião escarlate* (1992) e, ao final, um apresentador falou em tom de brincadeira que o ponto alto do filme era o strip-tease da Roberta Close. Eu me lembrava da cena- ô se lembrava – bonita, mas na hora não havia percebido nada de mais ali. Naquele momento, Roberta Close passa a ter um rosto para mim, mais do que um rosto de verdade, um corpo, corpo que até aquele momento me parecia impossível, corpo que por toda vida me fizeram acreditar impossível. (...) foi mais ou menos por ali que caminhos imprevisíveis começaram a ganhar contornos nítidos ante meus olhos. Foi mais ou menos ali que comecei a perceber a ousadia dessas pessoas que peitaram o decreto que os genitais lançam sobre o nosso corpo, decreto que determina, antes mesmo de a pessoa nascer, as fronteiras até onde ela poderá ir. Eu que tinha sido a vida inteira uma criança reclusa, mais amiga de livros que de gente, segregada por ser nerd em praticamente todos os não poucos colégios onde estudei, via naquelas pessoas também segregadas, muitíssimo mais segregadas e violentadas do que na verdade, não o que quiseram me ensinar a ver, vergonha, mas a própria definição de coragem, coragem para descobrir quem se é. (MOIRA, 2017, p. 21-22).

Afinal, ele nasceu travesti, ainda que por décadas não tivesse consciência disso. Tudo o que era feminino o atraía sempre, tanto que ainda muito novinho olhava as roupas da mãe com curiosidade, reparando no movimento bonito e cheio de meandros que os vestidos faziam. (...) Na verdade, não eram as roupas, os sapatos nem as maquiagens que o atraíam, mas todo o universo feminino que representavam. Tudo que revestia as mulheres e que via no dia a dia, assim como trejeitos, o andar, o falar, o jeito de ser, refletia algo q havia dentro de si. Nunca foram os objetos que o atraíram, mas aquilo que revestiam em um simbólico que só podia ser plenamente satisfeito e revestissem e fossem expresso em seu próprio corpo. (ROCHA, 2017. p. 102).

Ambas se enxergam enquanto travesti por se perceberem nos corpos, ações, vestimentas, adereços, maquiagens de outras mulheres e acabam focando em alguém, ou alguéms como exemplos do universo feminino que tanto desejam e anseiam. No caso de Moira, teve seu primeiro contato com uma outra pessoa também transexual pela TV e este momento marca sua existência e possibilita a tomada de consciência do seu corpo e da necessidade de luta e coragem para se afirmar enquanto mulher travesti, a qual necessita quebrar paradigmas, romper normas e fronteiras que são atribuídas aos corpos antes mesmo de existirem. No caso de Rocha, o atrair das roupas, dos acessórios, das maquiagens, dos trejeitos, do falar, do jeito de ser das mulheres a fazia mais próxima de seus desejos, vontade e identidade, essa representação simbólica permitia a sua aproximação e satisfação ao mundo feminino como se estivesse expresso em seu próprio corpo.

Um fato importante é o ato das descobertas, das identificações, o do começar a se entender enquanto travesti. Segundo Butler (1987), aceitar o sexo como um dado natural e o gênero como um dado construído, determinado culturalmente, seria aceitar também que o gênero expressaria uma essência do sujeito. Sendo assim, as lutas diárias e a negação da existência são travadas em busca da identidade e, portanto, a ruptura de normas impostas pela sociedade se faz necessário:

Era o momento certo para eu começar a me encontrar, me descobrir, romper com os planos que traçaram para mim antes mesmo que eu tivesse nascido. Eu odiava meus pais por culpá-los pela farsa que eu era, essa máscara, eu só sabendo existir dessa forma (...) Ainda sendo obrigada a ir à missa, comungar, bissexual tendo de se passar por hetero, trans se fazendo de cis ... (MOIRA, 2017, p.25-26).

Por diante das explicações do psicólogo, ele perguntou quase que para si mesmo: “Então não posso me sentir mulher e gostar de mulheres? Então eu posso, afinal, ser eu? Ao perceber quanto havia para compreender sobre si mesmo, já que não havia muitas informações confiáveis divulgadas sobre o assunto, percebeu também como essa falta de informações era prejudicial a todos, causando insegurança, confusão e dor. Só mais tarde entenderia que, na verdade, essa sonegação de informações era proposital, uma forma de controle pela manutenção de uma estrutura de poder baseada na ignorância, na culpa e no medo de punições. (ROCHA, 2017, p.110).

Tanto Moira quanto Rocha começam a questionar sobre as tensões, dores, inseguranças, culpas, amarras e negações que sofriam desde a infância, possibilitando o “tirar das máscaras” colocadas em suas faces, que as impediam de ser quem são e demonstrassem seus anseios e desejos. São máscaras impostas por uma sociedade que obriga e determina que ser hétero e cis é o “correto”, o “padrão”, sendo as únicas formas de ser e de se afirmar, promovendo, assim, ignorância pela manutenção de uma estrutura de poder heterocisnormativa.

O identificar-se, o afirmar-se, o resistir-se enquanto transloucamente travesti é fundamental para perceber a (des)construção das identidades, possibilitando que os corpos transmitam a alegria, a loucura, a vontade eufórica de gritar para se afirmar quem de fato é e se deseja. O corpo é onde encontramos uma variedade de perspectivas que podem ou não ser as nossas:

Dez anos depois, quando eu finalmente fui capaz de me assumir por inteiro, lembrei que, antes mesmo de qualquer consciência minha, minha mãe já havia me feito a pergunta

visionária, se eu era travesti. E mais: dez anos depois, quando resolvi sair de casa para poder viver de forma mais plena a minha nova identidade, sem ser lembrado o tempo inteiro de meu nome de nascimento de gênero com que fui criada, sem precisar também lidar com o sofrimento gigantesco que meus pais manifestavam (...) (MOIRA, 2017, p.26).

(...) pouco a pouco, começou uma mudança gradativa para aquela que seria a maior e mais feliz transformação da sua vida ... e Marcos decidiu que não poderia mais esperar. Então, contou à esposa que precisava se assumir de vez, passando a se travestir de mulher fosse dentro e fora de casa.

(...) A cada pequena mudança em seu corpo, em suas atitudes, em sua pele...havia um enorme esforço à sua identidade, um prazer de finalmente ser que não poderia mais ser ignorado. Era a libertação total ou aceitação de que sofreria pelo resto dos seus dias por estar vivendo uma vida que não era a sua. (ROCHA, 2017, p. 111-112).

Rocha e Moira narram os momentos de libertação das amarras impostas pela sociedade e por suas famílias, permitindo que seus corpos travestis fossem expostos e assumidos. Ecoam o grito de liberdade, de transgressão, de renascimento, de aceitação, de rompimento das amarras que as impossibilitavam de ser por inteiro. É superar suas dores e sofrimentos, trazendo suas transloucuras enquanto mulheres trans que permitem viver suas “vidas vivíveis” da forma que sempre desejaram e lutaram para que conseguissem ter voz, afirmação, identificação e reconhecimento.

Outro fator fundamental, além do identificar-se, é ter nome, nome para representar o novo eu, a nova identidade que sempre esteve presente mesmo que inconscientemente. Segundo Butler (2016), o momento de ser chamada por um nome que representa superação e luta, pois um nome, uma história, que de forma ambivalente se fará entre a condição de vulnerabilidade e resistência:

“Amara Moira”, título e pseudônimo, expressão que eu pouco antes havia encontrado na Odisseia de Homero e que significava “destino amargo” (...) quase uma continuação natural dois jogos de que própria já vinha fazendo com o nome que me deram ao nascer, Omar>Amaromar>Humoromar>Amara Moira. (...) Lá pelas oito da noite, hora de voltar, sentei do lado de uma drag queen (...) eu gostaria muito que ela me chamasse de Amara. “Amara? Ok”. Primeiro de maio, primeira vez que alguém me chamava de Amara, eu ainda custando a acreditar ser possível (MOIRA, 2017, p.37e 47).

Era um sonho realizado e mais um passo para uma nova vida que finalmente parecia ganhar contornos mais reais. O mundo lhe impedira de ser com ignorância, mas agora

ele decidira vencer o mundo com conhecimento. Pegaria o preço e estava disposto a isso. Assumidamente e com cabeça erguida, passou a assinar Márcia Rocha, travesti com muito orgulho. (ROCHA, 2017, p.114).

Ambas descrevem o prazer, a felicidade, a alegria de terem nomes femininos reconhecidos. Amara Moira e Márcia Rocha, travestis com orgulho, as quais passam a assinar seus novos nomes sem amarras, sem dor, sem angústias. Amara Moira traz uma análise de seu nome e um conceito dele como sendo “destino amargo”, por representar todo seu percurso de se descobrir, de ser, de existir, porém essa amargura traz uma história de luta e resistência de quem está pronta para ser livre, feliz e plena. As narrações exprimem a primeira vez que as duas assinam e se confirmam enquanto mulheres trans que tem nome e existência, a primeira vez de uma continuidade, disposição e bastante orgulho.

E o fator mais fundamental é o poder ser quem de fato você é e trazer à tona a felicidade, a alegria, a festa do se autorreconhecimento enquanto translouca que grita para o mundo a sua existência e a liberdade de ser travesti. “Decimos loca en voz alta, con tono chillón, y sin ánimo de ofender a nadie excepto a aquellos que no estén dispuestos a escuchar y aceptar”. (LA FOUNTAIN-STOKES, 2019). Os corpos são livres para viver as mais diversas e excêntricas possibilidades de se viver e sentir o desejo, o sexo, o gozo, o prazer. As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. (LOURO, 2010, p.09). De acordo com Foucault (1998, p.11), o corpo precisa de práticas para que possam ser levados a prestar atenção em si próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos de desejo, estabelecendo de si para consigo uma certa relação que lhes permite descobrir, no desejo, a verdade de seu ser:

Pó para cá, lápis para lá, só sei que duas da manhã ela acabou, buscou a peruca que me trouxe de presente, lindíssima, e, quando eu olho no espelho, quase caio para trás. Primeira vez que vi Amara no espelho, mulher, tudo o que faltava para eu me jogar de cabeça. O mundo precisava me ver assim (...) Postei uma foto na internet lá mesmo, cinco da manhã, curtidas e mais curtidas, comentários confusos, uns me dizendo “linda”, “arrasou”, outros querendo entender o que aquilo significava. O que aquilo significava? Oras, perguntavam como se soubessem a resposta... eu queria era primeiro viver, depois me preocuparia com isso (...) No dia seguinte, ele fez um sinal a distância, eu me aproximei e qual não foi a surpresa ao vê-lo me apresentando à roda de amigos, amigos dele mas também meus, como sua nova amiga, “Amara”, e

todo mundo dizendo “Oi Amara, prazer”. Coração na boca, eu não sabendo lidar (...) (MOIRA, 2017, p.48, 51-52).

O mundo a minha volta enlouquecido, escandalizado. Eu estava completamente feliz com minha nova identidade, finalmente tenho a certeza de que não precisava mais re-presentar nenhum personagem para as pessoas ao meu redor e muito menos para mim mesma (...) Aceitar quem sempre fui, mas demorei muito para entender, faz com que eu me sinta completa quando acordo pela manhã e, ainda que pareça impossível, ainda mais completa quando chego em casa no final do dia. É a minha liberdade de poder viver sem mascaras, sem subterfúgios, sem personagens. Uma satisfação que nada a partir de agora poderá destruir. (ROCHA, 116 e 118).

Amara Moira e Márcia Rocha narram suas vivências cotidianas enquanto mulheres travestis que se sentem cada dia mais vivas e felizes, as quais estão aprendendo a lidar com os prazeres e desejos de serem quem de fato sempre quiseram ser, e agora, são. São rotinas de liberdade que possibilitam viver sem máscaras e sem a necessidade de encenarem personagens, e o mais importante é que nada e nem ninguém mudarão essa concretude de felicidade e jamais silenciarão suas vozes que gritam e ecoam por todos os lugares que chegam, que andam, que circulam, que afrontam e que se expõem com bastante prazer e felicidade, e isso só foi e é possível através de muita luta e resistência.

Considerações finais

Para finalizar, é fundamental apresentar escritas poéticas das autoras, Amara Moira e Márcia Rocha, em relação suas existências, suas identidades, seus desejos, suas vidas, suas alegrias enquanto travestis transloucas. São travestis que lutam diariamente pela sobrevivência e que jamais se impossibilitam de viver intensamente suas alegrias, desejos, prazeres e gozos:

Trans

olhar a alma de mulher
ou
a forma que lhe é ex
terna
o pênis entre as pernas
os pelos
pelos
pelos pelo rosto

sinto ojeriza quando o vejo rijo
falo que me veio como falha

avalio o alívio que haveria
ao ver-me livre deste filho
ao ver a vulva no espelho
sem empecilho

quando ao rapaz apraz se olhar mulher
e o músculo que há lhe traz o asco
atroz seria opor-se ao próprio corpo
e ter, não mão alheia, mas o soco

(...)Acredite ou não
Sou eu sim
Sim sou eu
Ou não acredite (MOIRA, 2017, p.35-36 e 49)

Poema de quando resolvi assumir quem sou

Me olhe como quiseres,
que hoje não ligo mais
Críticas que tantos forem,
há muito, só ferem os demais

Sigo de cabeça erguida
ignorando os passantes
suas feições ressentidas,
deboches, sorrisos infames.

Vivo na ilha segura
de minhas convicções
onde o espelho é ternura,
verdade sem desilusões.

Tu, que já não compreendes
minha maneira de agir,
deixo esquecido na mente,
já não me podes atingir.

Pelo o que sou não me culpo
cabeça erguida mantenho
e ao mundo não me desculpo,
ignorando seu cenho.

Sou o que sou, já não nego
desfilo entre os demais
e as regras terrenas renego
Arrepender-me jamais!

Sou mais um fruto da vida
que todos terão que me engolir
Sou livre, alegre e sofrido
sou homem e mulher, travesti. (ROCHA, 2017, p. 114-115)

Amara Moira descreve, em seus poemas, a felicidade de se enxergar mulher, de ser mulher, de ser vista como mulher, porém traz suas angustias e dores por ter um órgão masculino e por ter pelos no rosto que lhe causam ojeriza e repulsa. Ela apresenta ter o desejo de fazer a cirurgia de redesignação sexual pelo fato que irá lhe trazer mais conforto, mais aceitação e mais felicidade, pois ter uma vagina, para Moira, é um ato de completude enquanto ser mulher, de realização, de satisfação e prazer, mas o ter um pênis, não a impede de viver e ter satisfação de ser quem de fato é. Márcia Rocha traz uma descrição dos acontecimentos do cotidiano de uma mulher travesti. Mulher que sempre é julgada, observada, criticada por indivíduos e a sociedade que querem impor regras e ditar como devem ser os comportamentos, os andares, o modo de se vestir, as identidades, os desejos dos sujeitxs. Portanto, Márcia se ergue e segue sua caminhada enquanto sujeitx livre e feliz, a qual se enxerga enquanto travesti, que tem prazer e orgulho em se olhar no espelho, se ver enquanto pessoa que sempre sonhou e desejou e perceber que é sua representação da verdade. As críticas, os deboches, os xingamentos lhe trazem mais poder e convicção, fazendo com que sinta cada dia mais orgulho de ser quem é.

Dessa forma, percebe-se o quão é complexo, sofrido e doloroso se aceitar e se identificar como uma translouca travesti. Portanto, ser translouca é superar, lutar, reexistir, desconstruir, construir, romper, ser livre, ser aberta as possibilidades. É importante se impor enquanto ser que tem desejo e aceitação, são corpos que se expõem como forma de luta e resistência diante daqueles que os silenciam e os impõem sob regras e normas pré-estabelecidas. É o resistir como (re)existência, como transgressão, como luta diária, possibilitando o grito que sempre está sendo obrigado a estar preso na garganta. É gritar para si e para o outro que é translouca, que estar ali para incomodar e que todos, mesmo não querendo, tem que conviver com o fluir da diferença e multiplicidade.

Referências

BUTLER, Judith P. Corpos que pesam, sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

BUTLER, Judith. “Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault” In: BENHABIB, Seyla & CORNELL, Drucilla. **Feminismo como crítica da modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1987.

BUTLER, Judith. **Conferência Magna com Judith Butler - I Seminário Queer**, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IkLS0xMoZM&t=3894s>>. Acesso em 13 de fev.2020.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Nascimentos em Livro. In: MOIRA, Amara; ROCHA, Márcia; BRANT, T.; NERY, João W. **Vidas Trans: a coragem de existir**. Bauru, SP: Astral Cultural, 2017.

LA FOUNTAIN-STOKES, Lawrence. Translocas: Migración, homosexualidad y travessmo en el performance puertorriqueño reciente. **Emisférica**, v. 8, n. 1, s.p., 2011. Disponível em: <http://hemisphericinstitute.org/hemi/pt/e-misferica-81/lafountain>. Acesso em 20 de jan. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, Gênero e Sexualidade**. 5ª ed. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LUGARINHO, Mario César. Como traduzir a teoria queer para a Língua Portuguesa. Revista Gênero, Niterói, v. 1, n. 2, p. 36-46, 2001. Disponível em: http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revis_tagenero/article/view/362. Acesso em 15 de mar. 2020.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a questão das diferenças: por uma analítica da normalização. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL – COLE, 16. **Anais...** Unicamp, Campinas, 2007. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf. Acesso em 14 mar. 2013.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2012.

MOIRA, et al. **Vidas trans: a coragem de existir**. Bauru, SP: Astral Cultural, 2017.

MOIRA, Amara. Destino amargo. In: MOIRA et.al. **Vidas Trans: a coragem de existir**. Bauru, SP: Astral Cultural, 2017, p.17-55.

ROCHA, Márcia. A luta pela aceitação. In: MOIRA et.al. **Vidas Trans: a coragem de existir**. Bauru, SP: Astral Cultural, 2017, p.101-133.

SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. **Projeto História**, São Paulo, PUC, n. 16, p. 297-325, 1998.

SEIDMAN, Steven. **Queer Theory/Sociology**. Malden: Blackwell, 1996.